

Boletim dos Associados do IPB



laps

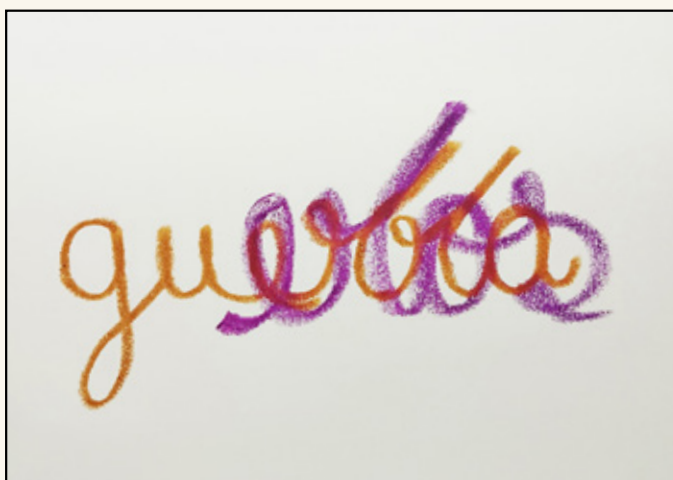
Junho | 2026

BOLETIM #6



Boletim dos Associados do IPB

laps #6



Desenho da capa:

Kako Arancibia,

aluno do curso regular do IPB.

Gueros / Carta-desenho, 2026.

Giz aquarelável sobre papel.



Fotos ao longo do boletim:

Leila Mignac.

Feitas em Hiroshima, Japão,

em abril de 2026.

BOLETIM DOS ASSOCIADOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA Laps – Junho 2026

Av. Anita Garibaldi, 1211.

Ed. Central Pinheiro. Ondina.

CEP 40170.130. Salvador, Bahia.

+55 71 9391-0304 – contateipb@gmail.com

<http://www.institutopsicanalisebahia.com.br>

EDITORA:

Liliane Sales

CONSULTOR:

Pablo Sauce

CONSELHO EDITORIAL:

Bernardino Horne

Carla Fernandes

Jordan Gurgel

Luiz Felipe Monteiro

Ethel Poll

Pablo Sauce

COMISSÃO DE REDAÇÃO E REVISÃO:

Graziela Pires

Jaine Porto Ferreira Novais

Júlia Jones

Leila Mignac

Liliane Sales

Raíssa Silveira

Raphael Gadelha

Wilker França

DESIGN GRÁFICO:

Kako Arancibia | Estúdio Mosaiko

TEXTURAS DE PAPEL - UNSPLASH.COM: ANNIE SPRATT, HEATHER GREEN, INDIEGROUND DESIGN,
KIWIHUG, KSENIYA LAPTEVA, NORDWOOD, SAFWA THOTTOLI E SELINA FARZAEI.

laps

Boletim dos Associados do IPB

Editorial

Cartas para tempos urgentes

por Graziela Pires - Associada ao IPB

I've heard there was a secret chord...¹

Caros leitores, gostaria de lhes trazer algumas considerações sobre este número do boletim: a voz de Jeff Buckley atravessou a leitura destas cartas. Talvez porque *Hallelujah*, de Cohen, em sua voz, consiga tocar tão delicadamente aquilo que Freud tentaria formalizar ao escrever que os seres humanos são habitados por forças que tendem a conservar e unir, e outras que procuram destruir e matar. Não há amor sem ódio. Não há Eros sem aquilo que o ameaça, ou sem o que o conquista.

Foi uma inquietação com o nosso tempo que deu origem ao *Laps* n. 6. Vivemos atravessados por guerras de muitas naturezas. Algumas acontecem em territórios distantes; outras se instalam no cotidiano, na dificuldade crescente de sustentar diferenças sem as transformar em trincheiras. Os discursos parecem convocar cada vez mais a tomadas de posição imediatas, a identificações rígidas e a fronteiras bem delimitadas entre um lado e outro.

Nesse contexto, a leitura da correspondência entre Freud e Einstein, trazida por nosso colega Wilker França e reunida em *Por que a guerra?*, encontrou ressonância. A proposta de escrever uma resposta à carta de Freud foi recebida com entusiasmo. Carregava algo raro para os dias atuais: um convite a pensar antes de responder. Mais ainda, um convite para que cada um encontrasse, na singularidade de sua escrita, uma forma própria de endereçar sua inquietação.

Ao ler essa correspondência, fui tomada também pela forma escolhida para interrogar a



FOTO: LEILA MIGNAC

Referência

¹ *Hallelujah* (Leonard Cohen, 1984), na interpretação de Jeff Buckley (1994).

guerra: dois homens trocando cartas para pensar aquilo que ameaça os laços humanos. As cartas guardam algo que os meios mais velozes dificilmente conseguem conservar: a marca singular de quem escreve. O estilo estava ali, respirando entre as frases. Era impossível separar a mensagem daquele que a escrevia. Uma carta nunca transporta apenas informações. Algo de quem a escreve continua viajando com ela.

Hoje, a urgência tornou-se um valor. Perde-se a possibilidade de encontrar o outro um pouco mais devagar.

É violento!

Lembro-me de uma formulação de Marcelo Veras² que me acompanhou durante esta leitura e escrita: a violência irrompe quando a palavra não tem mais vez. Freud não respondia à guerra porque acreditasse abolir a destruição por meio das palavras, mas porque sabia que sem elas restaria apenas a força bruta. Entre o impulso e o ato, a palavra introduz um intervalo. E, por vezes, é nesse intervalo que um laço pode ser construído.

Freud não sonhava com um mundo sem conflitos. Sabia que a agressividade não é um acidente da experiência humana, mas parte de sua constituição. Em sua resposta a Einstein, ele adverte que não devemos nos precipitar em julgamentos morais, pois “cada um desses instintos é tão indispensável quanto o outro, é da atuação conjunta ou contrária de ambos que surgem os fenômenos da vida”³. A vida mesma parece testemunhá-lo. Nenhum nascimento acontece sem ruptura. Nenhuma transformação ocorre sem algum grau de violência. A semente rompe sua casca e a terra para brotar. O recém-nascido força sua saída do silêncio do útero para respirar, não sem dor para todos os lados.

Eros não existe sem Tânatos. A questão não é eliminar essa tensão, mas encontrar modos de lhe dar um destino. Modos de fazer com que a força que separa, corta e transforma

não se converta apenas em destruição. Escrever uma carta pode ser uma dessas invenções. Um gesto simples: dedicar tempo a alguém sem garantia de resposta imediata. Um modo de sustentar a palavra ali onde a urgência frequentemente exige apenas reação.

Não foi um acaso que as fotografias deste número tenham sido realizadas em Hiroshima. Para isso, precisamos aguardar. Enquanto as cartas perguntam o que leva os homens à guerra, as imagens parecem responder de outra maneira: permanecendo. Como certas cicatrizes que o tempo não apaga completamente, mas transforma.

As fotografias são de Leila Mignac. Ao comentar como as realizou, ela me disse apenas: “Andando pela cidade, fui catando elas”. Gosto da delicadeza dessa formulação. Há algo da ordem do encontro. Como quem recolhe fragmentos, vestígios, pequenos restos deixados pelo tempo. Enquanto Freud e Einstein interrogam a guerra por meio das palavras, Leila parece recolher, pelas imagens, aquilo que permanece depois que o estrondo silencia. Algumas marcas ficam inscritas nas cidades. Outras, nos sujeitos.

As páginas que seguem nasceram desse convite. Cada texto percorre um caminho singular diante da pergunta de Freud. Alguns se aproximam dela pela clínica, outros pela política, pela cultura, pela experiência íntima ou pelos impasses do nosso tempo. Todos, à sua maneira, testemunham que a palavra ainda pode encontrar lugar onde a pressa, a certeza ou a violência parecem querer ocupar todo o espaço.

Por isso, antes de seguir adiante, fazemos apenas um convite: desacelere um pouco. Abra cada texto como quem abre um envelope aguardado.

Entre Eros e Tânatos, a palavra escrita.

Com isso me despeço,

Um abraço a todos.

G.

Referências

² VERAS, Marcelo. Alteridades Lacanianas, a violência entre o Outro e o objeto. In: MACHADO, Ondina Maria Rodrigues; DEREZENSKY, Ernesto (org.). *A violência: sintoma social da época*. Belo Horizonte: Scriptum, 2013. p.103-119.

³ FREUD, Sigmund. Por que a guerra? In: FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930–1936)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 426-427. (Obras Completas, 18)



FOTO: LEILA MIGNAC

Sigmund,

chegou até mim a sua antiga correspondência sobre a guerra e, para ouvidos menos atentos, este tempo poderia parecer findo. Mas, mesmo antes da guerra que motivou a sua escrita, já sabíamos: há uma violência que não cessa.

Ela não cessa presentificada em corpo e palavra nos nossos consultórios. Fora deles, para muitos de nós, havia a graça do esquecimento; hoje, isso parece mais remoto.

Os corpos tombam cada vez mais às claras; na Penha, em Gaza, e há agora outros tantos no Irã. Em todos esses casos há ruído – às vezes, bastante –, mas nada que soe tão diferente do silêncio.

Diferentemente do que te perguntaram, eu me pergunto: por que não guerreamos? Por que seguimos e, apesar do horror, ainda cantamos? Por que alguns ainda se engajam em adiar o fim do mundo?

Pergunto-me ainda se há algum consolo que o nosso campo possa oferecer. E se só cogitar isso já não é demasiada presunção! Ainda assim, pensei em algumas coisas.

Primeiro que, diferente de alguns, nós não acreditamos nessa história de que o homem é o lobo do homem¹. Nem o contrário: de que somos bons naturalmente, mas corrompíveis². Os outros não são nem o inferno de Jean³ nem o paraíso de Valter⁴! O sujeito, em psicanálise, é

Referências

¹Referência ao pensamento de Thomas Hobbes.

²Referência ao pensamento de Jean-Jacques Rousseau.

³Referência à famosa frase de Jean-Paul Sartre: “O inferno são os outros”.

⁴Referência ao livro de Valter Hugo Mãe: O paraíso são os outros.

caracterizado pela sua indeterminação, e sua essência é sem qualidades, um vazio. E os vazios são guarnecidos do estado potencial de futuro⁵!

A segunda coisa: o que faz o mundo não é só a sua matéria, mas também as palavras. O mundo é efeito das narrativas que o sustentam. Sua construção é discursiva, bem como é a construção do seu fim.

A história está em disputa, a verdade sempre a ser conquistada e, seguindo as metáforas bélicas: há quem fale em uma “guerra das denominações”. Penso aqui em Antônio, que propõe, diante da lógica colonial, torcer a própria linguagem transformando as armas dos inimigos em defesa. Ele diz: “Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las; e vamos pegar as nossas, que estão enfraquecidas, e potencializá-las”⁶. ... fiquei pensando que talvez esse seja um caminho a ser lembrado.

Corresponder-me com pessoas queridas de outros tempos, como você, me deixa com a estranha sensação de que os assombros (e seus remendos) se repetem sem tanta novidade a cada época. Mas que, como me escreveu Adélia, o fio indesmanchável da vida segue fazendo o seu curso⁷ e que, afinal, depois de cada guerra, alguém tem que fazer a faxina⁸ – o que confidenciou Wislawa na sua última carta.

Quem primeiro se perguntou por que seguimos cantando foi Benedetti, que responde: “cantamos porque somos militantes desta vida”⁹. É certo que há os que não persistem, e

são muitos os modos de desistir, mas também é certo que há algo que insiste, por nada e por tudo, pelas garantias ou pela falta delas.

Valter, o mesmo que acredita que os outros são o paraíso, escreveu acreditar que a felicidade não se substituía ao resto¹⁰, mas acumulava-se à revelia dele. É mesmo interessante a sua ideia: a felicidade não compete com o resto! E volto, então, ao nosso campo, próximo dos coletores, recicladores e artistas no trabalho com os dejetos. Uma análise é oportunidade de aprender, cada um ao seu modo, a fazer alguma coisa com o que foi degradado – mesmo que seja o mundo.

E é aí que algo se salva.

Junto ao nosso pessoal que também te manda forte abraço,
Julia*

***Julia Rezende, associada ao IPB**



FOTO: LEILA MIGNAC

Referências

⁵ Poesia “Libação”, de Elisa Lucinda.

⁶ Citação na página 13 do livro *A terra dá, a terra quer*, de Antônio Bispo dos Santos.

⁷ Poema “Fluência”, de Adélia Prado.

⁸ Poema “Fim e começo”, de Wislawa Szymborska.

⁹ Poema “Por que cantamos?”, de Mário Benedetti.

¹⁰ Citação na página 170 do livro *O filho de mil homens*, de Valter Hugo Mãe.



FOTO: LEILA MIGNAC

Freud,

trago notícias do futuro.

No passado, já era possível constatar: são muitas as guerras. Algumas distantes, outras aqui; as delimitadas por datas, aquelas ainda sem fim. Guerras diárias, cotidianas; guerras que camuflam genocídios, extermínios...

A guerra que se iniciou poucos dias antes da sua partida se desdobrou em um dos retratos mais fiéis do impossível: a explosão de uma bomba atômica no Japão, em Hiroshima e Nagasaki, lançada pelos Estados Unidos. Como sei que lhe é algo desconhecido, explico: trata-se de uma arma nuclear que, ao liberar imensa energia, mata por calor e radiação. Dizima, sendo precisa – e em uma fração de segundo. Mesmo os que sobreviveram a este intervalo mínimo de tempo sofreram com adoecimentos, vidas encurtadas ou com os estigmas ligados ao medo da radiação.

Como lhe transmitir em uma breve carta o que foi uma completa devastação que durou mesmo após inúmeras reconstruções, com efeitos mortíferos e inimagináveis nas peles, nos territórios e nas memórias? Por isso te conto um recorte, fruto de uma visita que fiz a Hiroshima, em abril de 2026, mais algumas décadas à frente. Lá, o esforço de seguir após o instante decisivo do dia 6 de agosto de 1945 incluiu recolher cacos, nomes e fragmentos de presenças. Isso me fez lembrar o que você nos ensinou sobre o luto: para que o relógio pudesse se desdobrar em outras batidas para as vítimas desse acontecimento, foi preciso incorporar as perdas e os danos – sem negar ou esquecer. Fez-se necessário reunir traços e pedaços, colocá-los debaixo do braço, partir de ruínas. Recontar histórias atravessadas pelo impensável, histórias interrompidas.

Surpreendentemente, ainda, também mapear espécies, espessuras e distâncias, preservando-as como uma promessa de vida: as árvores bombardeadas (*hibakujumoku/a-bombed trees*) são as 160 árvores que sobreviveram à explosão e seguem nas ruas movimentadas de Hiroshima como testemunhas silenciosas do horror, mas também de um mundo que pôde se refazer e sustentar um amanhã.

“Rebento raro como flor na pedra”, cantaria o poeta Gilberto Gil, em um chão que diziam não ser possível brotar mais nada. São árvores que habitam museus, santuários xintoístas, templos budistas, parques e até mesmo o castelo de Hiroshima. A 370 metros ou dois quilômetros do hipocentro da explosão, há aquelas das quais só restaram um toco ou mesmo as raízes, brotando novamente nos anos seguintes. As que tiveram seu tronco inteiro partido ao meio, ficaram ocas ou retorcidas, com feridas e cicatrizes... Apesar disso, também com frutos e flores que continuaram a nascer, verdes e vivas. “Esta árvore sobreviveu à bomba atômica”, diz um texto curto nas placas que as identificam. Vejo-as, fotografo e me pergunto: o que nos fazem escutar pela simples, embora nada fácil existência após a total destruição? O que sua insistência nos ensina? Penso que esta guerra e seus sobreviventes (árvores inclusas) talvez encontrem suas palavras destinadas a Einstein, neste emaranhado fio do tempo que nos liga.

Leila Mignac

Associada ao IPB



FOTO: LEILA MIGNAC

Caro Freud,

antes de saber seu nome,
eu já escrevia cartas

não eram para você
eram para o presidente dos Estados Unidos, no auge da Guerra Fria.

eu pedia, com a seriedade de uma criança,
que ele não apertasse o botão

não naquela noite de domingo

porque eu não estava com minha mãe

e havia algo ali que eu já sabia, sem saber dizer:
que certas coisas, uma vez disparadas,
não voltam mais

.

a tv acesa
as imagens que eu não compreendia
e ainda assim atravessavam

o corpo pequeno não dava conta
mas escrevia

como se escrever pudesse adiar o pior

.

hoje leio você falando de Eros
como aquilo que faria laço

e penso
não sei

porque há algo que insiste
em ir além

algo que não negocia


.

assistimos às guerras como quem já sabe
e ainda assim se espanta

crianças sob escombros
corpos que não se sustentam
casas que deixam de ser

e nenhum tempo para o luto

.



há um saber aí
que não chega a se escrever

um atraso entre o que vemos
e o que o corpo suporta

como se o som viesse depois

.

e ainda assim

alguém varre o chão
alguém canta baixo

.

talvez Eros esteja aí

não como promessa

mas nesse resto mínimo
que não impede

e mesmo assim
não se entrega completamente

.

Freud,

eu não escrevo mais para impedir a guerra

acho que isso a menina fazia melhor

hoje escrevo

porque ainda há algo que insiste
em fazer laço

mesmo quando tudo já parece rompido

.

talvez seja só isso

o que nos resta

um gesto quase invisível

de não deixar que tudo
seja da ordem da morte.

Graziela Pires

Associada ao IPB



**Colagem digital
de Kako Arancibia**

Composição visual a partir
de fotografia de Leila Mignac
(2026, Hiroshima) sobre
fotografia de Charles Levy
(1945, Nagasaki)

Prezado Freud,

tomo a liberdade de enviar-lhe esta carta, após a leitura da correspondência endereçada a Albert Einstein, na qual manifestou sua inquietação acerca da guerra.

Não foi uma decisão fácil tomar a pena para tecer considerações sobre o tema, especialmente por tratar-se do senhor – criador da psicanálise.

Compartilho de sua inquietação, acresço meus questionamentos e os endereço ao senhor: O que está em jogo quando uma guerra é deflagrada? O que se passa com o sujeito diante dela? Como fica a fantasia diante do traumático e do Outro inconsistente?

A guerra não se apresenta apenas como um evento geopolítico. Há uma multiplicidade de guerras. Vivemos em um tempo em que as referências que regulavam o laço vacilam – Nome-do-Pai e o Outro. Quais as consequências advindas disso?

É possível pensar o ódio como um afeto que corrobora para a deflagração de uma guerra, seja ela qual for?

A pandemia de 2020, ao instituir o isolamento social como medida de autoproteção, fez com que o outro – diante do traumático da realidade – passasse a ocupar o lugar de suposto veículo da infecção, ou seja, da morte. Os laços estavam atravessados pelo risco, e “a guerra” se estabeleceu de forma silenciosa entre os sujeitos que, por vezes, fechavam as portas aos demais diante da possibilidade de morrer, cujos efeitos ainda parecem ressoar na atualidade, em certos modos de permanência no isolamento.

Não posso deixar de mencionar o racismo e a segregação como recusa ao gozo singular do outro, que lhe é incompreensível. Seria o ódio ao gozo do outro ou o espelhamento de um traço de identificação do sujeito no outro? Para Lacan, o ódio ao outro, na verdade, é dirigido ao próprio sujeito. Nessa vertente, é possível pensar tal fato como uma guerra a si mesmo?



FOTO: LEILA MIGNAC

Trago ainda a experiência clínica e a escuta de sujeitos que diziam estar em guerra consigo mesmos, devido à ambivalência de queres antagônicos, e, por vezes, que se tratava de uma guerra vencida. Como operar em uma guerra já vencida?

Na carta, o senhor aposta em Eros como contraponto à guerra, mas o que fazer quando o laço já está atravessado pela recusa ao outro?

Como pode notar, sua carta continua ecoando em mim, suscitando questionamentos que endereço ao senhor.

Cordiais saudações,

Marluce Carvalhal
Associada ao IPB



Carta a Sigmund Freud, em tempos de tela cheia

Prezado professor,
retomo sua inquietação em *Por que a guerra?*, mas talvez precise atualizá-la: não apenas por que fazemos guerra, mas por que **assistimos à guerra como quem percorre distraidamente uma tela**. Hoje, ela chega antes do café: vídeos, análises, comentários espirituosos. A pulsão de morte, ao que parece, adaptou-se bem às notificações.

O senhor talvez se surpreendesse com a eficiência contemporânea. A destruição tornou-se precisa, quase elegante em sua engenharia – “cirúrgica”, dizem – e, ao mesmo tempo, amplamente distribuída. Mata-se à distância, com dispositivos que dispensam o contato, enquanto se assiste de perto, com som nítido e alta definição. Nunca estivemos tão afastados do ato e tão próximos de sua imagem.

Do ponto de vista do Direito, a situação tampouco é simples. A tentativa de organizar a violência – delimitá-la, regulá-la, dar-lhe forma institucional – parece disputar espaço com a velocidade dos acontecimentos e de sua circulação. Fala-se em responsabilidade, jurisdição, legitimidade, mas a guerra responde com fragmentos de realidade editados em segundos. Enquanto o Direito procura enquadrar os fatos, eles já se multiplicaram em versões.

Talvez o senhor nos lembrasse que nada disso altera o essencial: a tensão entre Eros e a pulsão de morte permanece. A técnica não a resolve – apenas a aperfeiçoa. Se antes a destruição exigia proximidade, hoje ela prescinde do corpo e

ganha alcance. A pulsão encontra novos meios, mais eficazes e, curiosamente, mais aceitáveis.

Lembro aqui, com alguma ironia, o desfecho de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago. Ali, Deus não abdica de seu poder, mesmo que isso implique mais violência, enquanto o Diabo ensaia uma proposta mais razoável. Fico pensando se, no fundo, a pulsão de morte não prefere posições de autoridade – onde pode operar não como desvio, mas como política. Talvez o problema nunca tenha sido apenas a violência, mas a forma como ela se legitima.

E nós, professor? Não participamos diretamente da guerra, mas também não estamos fora dela. Assistimos, comentamos, compartilhamos. Entre uma tarefa e outra, acompanhamos o desenrolar de conflitos como quem acompanha uma conversa contínua. Há sempre algo novo acontecendo – e seguimos atentos, ainda que à distância.

Por isso, permito-me devolver-lhe a pergunta, com um pequeno deslocamento: não mais apenas por que a guerra, mas **em que momento passamos a conviver com ela sem estranhamento?**

Suspeito que o senhor responderia com cautela – talvez lembrando que a civilização nunca eliminou a barbárie, apenas a reorganizou. E nós, ao que tudo indica, seguimos colaborando com esse arranjo... enquanto passamos ao próximo conteúdo.

Atenciosamente.

Hamilton Martins
Associado ao IPB

céu silente
空は無言

olhos presos no pó
伏せた目は塵

suplicam amor
愛を乞う

そらはむごんふせためはちりあいをこう
空は無言伏せた目は塵 愛を乞う



FOTO: LEILA MIGNAC

Uma carta sobre o amor e a guerra

Prezado dr. Sigmund Freud,
ao me deparar com a pergunta “Por que a guerra?”, recorro a um lapso sorrateiro ao que Djedidi demonstra em *Fragments de um discurso amoroso*, de Roland Barthes: “A língua estabeleceu, há tempos, a equivalência entre o amor e a guerra: nos dois casos, trata-se de conquistar, de arrebatado, de capturar, etc.”. Isso faz jus ao que sempre me chamou a atenção no vocabulário da paixão: o “quê” de bélico por trás do sentimento visto pelo sujeito. “Fui arrebatado”, “conquistei”, “caí de amores” – termos que se associam ao combate. À guerra.

Isso também acende em mim o questionamento que me fisga por vias que gostaria de evitar diante de tantas barbáries nas notícias que circulam. Por que a guerra? Talvez porque até o amor, com seu caráter genuíno, possua o seu campo agressivo de posse e de destruição. A modernidade, a cordialidade e o respeito pela vida não entranham onde o bruto se solidifica e cria raízes. O desenvolvimento de um processo civilizatório exige uma “repressão” orgânica das pulsões, como você mesmo nos disse. E se a agressividade também é pulsional, tentar eliminar a guerra é tentar eliminar uma parte da constituição psíquica humana. Árvores e ramificações que ainda germinam o



FOTO: LEILA MIGNAC

resto ineliminável da agressividade. E sempre germinará, pois sempre há um resto que fica.

Por outro lado, não posso deixar de pontuar a esperança, ainda que cética, na civilização, que também possui suas raízes. Você falou sobre o Eros como única forma de combate à guerra. O que torna impossível não evocar a Trégua de Natal de 1914, quando o futebol silenciou os canhões da Grande Guerra. O gozo mortífero da destruição foi ali, por um breve instante, capturado pela estrutura simbólica do jogo. Se o amor e a guerra buscam conquistar, o campo de futebol naquela fronteira belga mostrou que o ‘conquistar’ pode ser deslocado: do corpo abatido do inimigo para a bola que circulava entre semelhantes.

Mergulhando na perspectiva lacaniana, o gozo – que não é prazer, mas uma satisfação paradoxal de uma pulsão que ignora o bem-estar – explica a guerra como um campo de gozo mortífero (Tânatos). O futebol na trégua pode ser lido como um desvio desse gozo: o corpo que antes servia para o massacre agora se engaja em um “conflito simbólico”. O gozo é deslocado da destruição do Outro para a competição com o Outro dentro de uma regra.

Mas ainda assim, quando me questiono: “Por que a guerra?”, também não encontro algo que a justifique. Embora nada mais a explique além do fato de que, enquanto houver psiquismo, haverá o conflito. A cultura é o nosso “dique”, uma contenção necessária para que a barbárie não nos inunde por completo, mas o rio da pulsão é constante, indomável e sempre encontrará uma brecha para correr. Cabe a nós, estudantes do humano, sustentar a palavra onde a força insiste em se calar.

Atenciosamente,

Camille Freitas

Aluna do curso regular do IPB

Eco do sem-sentido

Freud, o senhor suspeitou
que há qualquer coisa
que não quer viver direito,
que desamarra,
arregaça.

Ninguém escuta
quando isso nasce,
parece mais é que morre
dentro de si.

Uma vontade sem nome
de encostar tudo no zero,
como quem tira a luz
com o mesmo saco que tira o ar.

A guerra começa
com seus ruídos surdos,
nesses territórios
que não se quer escutar.

Ela começa miúda,
quase como uma coceira,
só aumenta,
até pingar sangue.

A civilização, surpresa,
costura com linhas finas:
leis, acordos, palavras, delicadezas,
essas pequenas cordas sobre o abismo.

Mas basta um fio solto, e puf!

O mundo perde a mão,
pés explodem, bombas sobre hospitais,
escolinhas, letras e vidas silenciadas.



FOTO: LEILA MIGNAC

Sussurra Lacan: é o Real.
Mas talvez fosse só isso
um buraco aberto,
cujo eco é o sem-sentido.

Uma letra que escapou das balas,
num esforço de poesia,
sem muito heroísmo,
sem grandeza nenhuma,
aposta em bem dizer do pior.

Ventila uma palavra manca,
que não resolve,
não impede,
não salva.

Mas encosta.

Faz beirada,
onde tudo era queda.

Raquel Matias
Associada ao IPB

Caro Freud,

ler a sua carta a Einstein, algumas vezes, me fez refletir o que consigo colocar em um breve escrito hoje. É claro que tenho muito mais a dizer sobre esse assunto, sobre o qual venho pensando há alguns anos, sozinha, com colegas, em análise, nos ambientes de estudos e por aí vai. Tem muito a ver com a psicanálise, não é?

Sobre os conflitos que nós, seres humanos, experimentamos, considero que a Guerra é o que tem de mais cru que podemos presenciar em uma sociedade. Juntamente às repetições que ela nos traz, em outros retratos, testemunhamos suas consequências e efeitos que abarcam destruições de corpos, de relações humanas e de espaços privados e públicos.

Vou concordar com você que tais eventos – as guerras – nos colocam a pensar e a falar sobre a cultura em pequena e grande escala mundial, sobre os discursos que emergem em nossa civilização, aqueles que agregam e os que provocam rupturas. E de uma coisa sabemos, em uma sociedade, o ser humano luta em busca de recursos, principalmente para si.

Normalmente, ele também busca alianças que possibilitem construir um modo de vida no qual possa engajar-se em um tipo de funcionamento coletivo, algo minimamente comum entre eles. Como o senhor mesmo disse, “o reconhecimento de uma comunidade de interesse produz vínculos afetivos entre membros de um grupo unido de pessoas, sentimentos comunitários que são a base de sua autêntica força”.



FOTO: LEILA MIGNAC

No entanto, meu caro, nada de garantias. Como você mesmo nos sublinha, “os atos humanos também trazem uma complicação de outra espécie”, sobretudo quando falamos de forças que nos impulsionam a desligarmos daquilo que faz união, necessariamente relacionadas aos interesses subjetivos ou interesses do governo de uma comunidade. Existem elementos de poder desigual entre homens e mulheres, pais e filhos, senhores e escravos, sendo possível fazer uma leitura dos diferentes posicionamentos que cada um ocupa perante o outro. Tais diferenças, que por vezes se estranham e se desencontram, podem deixar cair por terra o que pode haver de mais civil em si, apontando de alguma forma para as alteridades de cada um. Vale lembrar, aqueles países que mediante a falta de acordo, começam uma guerra optando por se posicionarem acima de certas leis da sociedade. Enquanto isso, em seu entorno, discutem o certo e o errado, os efeitos de tais atos e também criam-se sanções para lidar com o real que se apresenta.

Em uma lógica de guerras entre territórios, onde o conflito se dá por n motivos, vale refletir sobre a relação do homem com seus objetos de necessidade e de desejo, dos diversos discursos que podem sair a partir destes pontos. Ler a sua carta me colocou também em reflexão com outro texto, em específico o de Márcia Rosa – “Jacques Lacan e a clínica do consumo”. A autora nos traça uma leitura sobre o consumo, que, articulado à ética da psicanálise podemos pensar sobre os valores de uso, de gozo e de desejo quanto aos objetos com os quais estamos às voltas. Sobre o que está em jogo no consumo, ponto em que faço relação com as guerras.

Fico por aqui, e ainda pensando sobre o que a sua carta me provocou.

Atenciosamente,

Nathassia Paulla de Sousa

Participante do Núcleo de Psicose do IPB



FOTO: LEILA MIGNAC



FOTO: LEILA MIGNAC

Querido Sigmund,

opto te chamar assim, pelo nome, pois para escrever uma carta sobre tal assunto é preciso um tanto de ousadia junto com uma pitada de humildade. E, mais importante, é fundamental ter um corpo que teima em se afetar. Digo isso pois, a princípio, quando recebemos esse belo convite para responder-lhe escrevendo sobre por que a guerra, pensei não ter nada à altura do tema para compartilhar. No entanto, fui pega de surpresa por pelos obstinados que se derreteram cedendo a arrepios ao assistir a um filme num domingo inofensivo sobre o diplomata brasileiro Sergio de Mello. A cena que

tomou conta do meu corpo narra o momento em que dois colegas, amigos, soterrados em escombros após uma explosão, aguardam por resgate adequado. Quando os bombeiros chegam, trazem a notícia que, para retirar um deles de lá, será preciso amputar ambas as pernas. Ele concorda, mas, com o corpo trêmulo, antes do corte seco, diz “Esperem!”, e seus olhos umedecem, desabando. Escrever uma carta sobre a guerra carrega em si um paradoxo que reúne a delicadeza da brutalidade.

Adentrando agora nas trincheiras dos porquês, apanho esse grito que te foi lançado para lhe dizer que concordo com o que você trouxe. Há guerra pois o mesmo caldeirão que faz o “direito” e a “violência” ou “pulsão de vida” e “pulsão de morte” faz do homem um ser capaz de guerra e de humanidade, estão “amalgamados”. Recordo-me dum conto de um autor brasileiro – dos bons, você iria gostar dele – Machado de Assis. O conto chama-se “A igreja do Diabo” e narra a história de um Diabo que resolve fundar uma igreja a fim de desafiar Deus e conquistar seus fiéis. Para seduzi-los, prometeu todas as glórias e os deleites mais íntimos e propôs que substituíssem as até então declaradas virtudes por outras mais “naturais e legítimas”, como soberba, luxúria e inveja. A igreja do Diabo foi um sucesso, e cada dia que passava galgava mais e mais fiéis; não havia uma raça que não a amasse. No entanto, anos depois, o Diabo notou que muito dos seus fiéis praticavam as virtudes antigas às escondidas. Indignado, o Diabo vai até Deus ansiando conhecer a causa secreta desse feito. Com toda paciência do mundo, Deus responde olhando nos seus olhos: “[...] que queres tu, pobre Diabo? É a eterna contradição humana” (Assis, 2011, p. 155).

Dessa forma, há guerra, pois há homem, e se há homem, há deus e diabo, delicadeza e

brutalidade. Sinto informar-lhe que reafirmo seu prenúncio, não creio existir escapatória ou um desfecho diferente. Tendo isso em vista, que nos coloca de mãos atadas, convido-os a pensar desta forma: é porque há guerra que pode haver paz. Pergunto-me: seria a delicadeza flor tão bela se não fosse a brutalidade? Para finalizar, trago uma das histórias de guerra mais doces que conheço e que relata a “trégua de Natal”. Durante a Primeira Guerra, nas trincheiras alemãs, encontravam-se os nativos de um lado e os britânicos do outro, divididos por um curto espaço chamado “terra de ninguém”. Até que um feito inesperado acontece. As sentinelas na trincheira alemã cantaram “Stille Nacht”. Mesmo sem entender alemão, os ingleses reconheceram a melodia: tratava-se de “Silent Night” (Noite Feliz). Quando os alemães cantaram canções de Natal, os britânicos responderam com suas próprias canções. A partir dessa sutileza, as tropas inimigas deram-se trégua e estenderam as mãos, trocando saudações e presentes. O que ocorreu em 1914 foi o que Taborda (2021, p. 19) ressalta como ressonância: “vibração espontânea por afinidade de frequências, acústicas e de afeto [...]”.

É nesse ponto que me despeço, querido mestre. Desejo que esta carta sirva para que a gente consiga preservar a teimosia da esperança.

Abraços,

Lara Cedraz

Associada ao IPB



FOTO: LEILA MIGNAC

Referências

ASSIS, Machado de. *Seus trinta melhores contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

EINSTEIN, Albert; FREUD, Sigmund. Por que a guerra? In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 22. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 237-259. (Trabalho original publicado em 1933.)

TABORDA, Tato. *Ressonâncias: vibrações por simpatia e frequências de insurgência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2021.